

**Memórias e trajetórias que se cruzam: o Laboratório de História Oral da UFSC
(1975-2013).**

KARLA SIMONE WILLEMANN SCHÜTZ*

Nas últimas décadas, é visível o maior peso adquirido pelas fontes orais nas produções historiográficas em geral. E tal condição se deve, sobretudo, à incorporação dos estudos relacionados à memória às discussões que remetem ao tema da escrita da história. No campo historiográfico brasileiro, a história oral como técnica de pesquisa em História foi introduzida em meados da década de 1970. E é dentro desse contexto de introdução de tal “técnica” que surge a figura do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que em 1975 abria as portas do seu Curso de Mestrado (desdobramento do Curso de Especialização em História em nível de pós-graduação sendo desenvolvido nesta mesma instituição desde 1974)¹. Concomitantemente à formação de sua pós-graduação, o Departamento de História da UFSC adotou, então, novos percursos, que remetiam à produção de fontes pautadas na história oral, naquele período entendida como uma técnica.

No mesmo ano em que o mestrado da UFSC se estabeleceu², também por iniciativa do Departamento de História, foi criado na instituição o Laboratório de História Oral; naquele momento, os principais idealizadores desse projeto foram Walter Fernando Piazza, na época professor do Departamento de História da UFSC, e Carlos Humberto Pederneiras Corrêa que, orientado por Piazza, elaborou sua dissertação, publicada em forma de livro em 1978.

A trajetória do Laboratório de História Oral da UFSC, portanto, se entrelaça à trajetória da história oral do Brasil desde o seu princípio.³ Vale ressaltar que este percurso está dividido em três momentos: o primeiro, entre 1975 e 1991, quando esteve à frente do Laboratório o Professor Carlos Humberto Corrêa; o segundo onde o Laboratório esteve inativo, e o terceiro que se inicia em 1998, após um período de sete

*Mestranda, Programa de Pós- Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina - FAPESC. E-mail: karlawschutz@gmail.com

¹ Boletim de Pessoal. Florianópolis: UFSC. Jun. 1974, p. 19.

² Boletim de Pessoal. Florianópolis: UFSC. Out. 1975, p. 18-19.

³ Vale lembrar que a reconstituição desta trajetória se mostra difícil, pois as informações acerca deste espaço institucional são muito fragmentadas, e a seu curso irregular ainda acarretou a perda ou desvios de documentos que seriam importantes para entender este percurso.

anos sem coordenador, sob a coordenação de Marcos Vinicius de Almeida Saul que lá permaneceu até 2003, quando o cargo foi passado as mãos de Liane Maria Nagel, quem vem desenvolvendo esta atividade até os dias de hoje.

Nota-se, a partir desta breve cronologia, que a trajetória do Laboratório não se desenrolou de maneira contínua, tendo ao longo deste 40 anos, mudado de espaço e, logicamente, de coordenação algumas vezes. Mas será que de alguma maneira, também as prerrogativas que regeram este espaço ao longo destas décadas permaneceram as mesmas de sua fundação, ou seus coordenadores também acompanharam um processo de modificação que costuma dividir o percurso da história oral no Brasil em duas fases distintas? A primeira fase teria se iniciado, de fato, a partir da década de 1970; e a segunda a partir 1990, pois é entendida dentro das obras que abordam a questão como um período de renovação e crescimento deste campo no Brasil.⁴

Como era de se esperar, as diretrizes que regiam o programa de história oral estabelecido no Programa de Pós-Graduação em História e no Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina na década de 1970 eram muito semelhantes àquelas que predominavam entre alguns dos primeiros ministrantes estrangeiros que vieram disseminar esta “nova técnica”. A história oral naquele momento parecia significar, sobretudo, uma “técnica de coleta e utilização de dados primários que toma seu lugar junto à quantificação, à análise psicológica de fontes, e outras técnicas como arma de versatilidade do historiador moderno” (BROWNE; PIAZZA, 1975, p. 931).

Segundo consta na dissertação produzida por Carlos Humberto Corrêa - e, também, no manual no qual ela foi transformada e lançada em 1978 -, as relações entre o Programa de Pós-Graduação e o Departamento de História da UFSC e as fontes orais se iniciaram no ano de 1974, ano anterior à efetiva institucionalização do Laboratório de História Oral. Foi então, em 1974, que o professor estadunidense George P. Browne ministrou no Programa de Especialização em História da UFSC - que no ano seguinte seria transformado em Programa de Pós-Graduação com a criação do Curso de Mestrado – aulas sobre o que eram denominadas *Técnicas da História Oral*, um dos tópicos abordados pela disciplina *Metodologia da Pesquisa Histórica*. Tal iniciativa pode ser, de certa forma, confirmada, pois muitas das produções advindas desse primeiro contato com a “técnica” podem ser visualizadas no *Catálogo de Entrevistas*, editado também por Corrêa três anos mais tarde, 1977. São 34 entrevistas que versam

⁴ (AMADO; FERREIRA, 2006, p. ix); (MEIHY, 1996, p. 9).

sobre temas como imigração europeia em Santa Catarina, desenvolvimento político, relações econômicas do estado e Revolução de 1930. Também percebe-se que estiveram envolvidos nesse primeiro momento muitos alunos que mais tarde viriam a defender nesta mesma Universidade suas dissertações de mestrado. De acordo com o primeiro *Catálogo de Entrevistas*, lançado em 1977, foi

(...) em 1975, com a representação de um membro daquele colegiado⁵ no Curso Intensivo de História Oral realizado no Rio Janeiro sob os auspícios da CAPES, da Fundação Getúlio Vargas e da Universidade Federal Fluminense, bem como a realização do Segundo Curso de Especialização em História da UFSC, desta vez ministrado pelo Professor Vanireh Chacon (sic)⁶ implantou-se o Laboratório de História Oral, cuja coordenação nos foi entregue. (CORREIA, 1977, p. 19-20)

Foi no mesmo ano em que se fundou o Laboratório de História Oral, 1975, que Walter Piazza, juntamente com o norte-americano George Browne, apresentou, no VIII Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, a comunicação *Documentação em História Oral*. Como aparece nas primeiras linhas do texto, o objetivo da apresentação era “servir de rápida introdução à História Oral, demonstrar como vem sendo utilizada na Universidade Federal de Santa Catarina, e sugerir possíveis utilizações desta técnica em apoio ao ensino da História em nível universitário.” Para além de um “preenchimento de lacunas”, a história oral, para os dois, oferecia “múltiplas aplicações” e a oportunidade de observar diferentes visões do passado, trazendo com isso reflexões mais profundas que as “fontes tradicionais” (BROWNE; PIAZZA, 1976, passim). Com efeito, observa-se que a apresentação pretendia introduzir e difundir esta “técnica” de maneira bem direta e “didática”, inclusive trazendo de que maneira esta poderia ser utilizada no ensino de história, do Ensino Fundamental à Pós-Graduação. A história oral para ambos seria uma possibilidade onde o ensino e a pesquisa histórica se dinamizariam, ganhando novos caminhos para explorar.

O pequeno histórico do Laboratório que é apresentado logo ao início do Catálogo de 1977 ainda é interessante para visualizar um pouco das intenções e das prerrogativas que guiavam as ações que ali foram e ainda seriam realizadas: “levantar o máximo possível de memórias gravadas, através de técnica própria, memórias de

⁵ Colegiado responsável por elaborar o projeto do Laboratório de História Oral da UFSC.

⁶ Vamireh Chacon. Atualmente é professor emérito da Universidade de Brasília. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3597322835794049> Acesso em: 19 ago. 2014

peessoas que, por suas vivências e origens oferecessem experiências que servissem como base documental para o estudo da colonização estrangeira” (CORRÊA, 1977, p. 20), bem como para uma “revisão da história política republicana” (CORRÊA, 1977, p. 21). De acordo com Carlos Humberto Corrêa, tarefa difícil de ser realizada, pois havia falta de documentação escrita que servisse ao tema, devido à destruição ou ao desaparecimento. Importante notar que, naquele momento, a fonte oral tinha “valor para pesquisa histórica” quando complementasse “a documentação escrita” (CORRÊA, 1977, p. 22). Além do mais, permitia “o registro de memórias de personagens de ambos os lados do acontecimento”, diferentemente dos documentos escritos que “tendem a uma visão mais unilateral dos fatos, que é geralmente o ponto de vista oficial.” (CORRÊA, 1977, p. 24).

Por fim, Carlos Humberto Corrêa destaca que, para além da utilização em pesquisas acerca da colonização e desenvolvimento político do Estado⁷, as entrevistas que estavam a ser recolhidas, transcritas e disponibilizadas à consulta teriam uma função que se projetava para o futuro, onde estas seriam especialmente úteis para pesquisas ainda a serem realizadas.

Temos sempre em conta que o Programa de Documentação em História Oral não visa, necessariamente, a utilização imediata da entrevista como fonte de pesquisa, mas, principalmente, objetiva a formação de um acervo para ser utilizado pelos pesquisadores num futuro indeterminado. Daí a nossa despreocupação a respeito dos espaços de tempo em que as entrevistas ficarão seladas segundo a vontade do informante, desde que as informações sejam verdadeiras. E, temos certeza, que sempre o são.” (CORRÊA, 1977, p. 32)

Nesse trecho extraído do *Catálogo de Entrevistas* (1977), pode-se visualizar que a preocupação com o desenvolvimento do acervo estava menos voltada ao uso imediato que aos usos futuros dessas fontes. Além disso, existe um outro elemento interessante nessa fala, a constatação da limitação que poderiam ser colocadas a algumas entrevistas, a sua censura por determinado período. Tal questão remetendo ao momento político vivido, a ditadura civil-militar. Vale relembrar que algumas entrevistas presentes neste catálogo deveriam permanecer seladas durante determinado período.

⁷ No *Catálogo de Entrevistas* de 1977 ainda estão apontados dois projetos que eram desenvolvidos paralelamente pelo Laboratório de História Oral e que se relacionavam às temáticas privilegiadas pelas pesquisas: o “Projeto Geral” que se referia ao tema da colonização e o “Projeto Especial”, mais intimamente ligado às políticas do estado.

A trajetória do Laboratório nas vozes de algumas de suas “testemunhas”

Na tentativa de reconstruir a trajetória deste espaço foram encontradas muitas dificuldades, sendo a principal delas a falta de documentação própria ao Laboratório, onde pudessem ser encontrados indícios dos caminhos traçados por seus coordenadores e participantes. Nesse sentido, a busca por alunos e outras pessoas que estiveram de alguma forma envolvidas com esse espaço se constitui iniciativa importante para tentar, de alguma forma, reconstruir este percurso e apontar algumas características desse espaço, suas funções, suas “vozes autorizadas”.

Nessas “lembranças revisitadas”, a primeira narrativa que se mostrou recorrente foi aquela que atribui ao professor Carlos Humberto Corrêa, e menos a Walter Piazza, o título de “voz autorizada” da história oral. Nas falas de Marcos Vinícios de Almeida Saul⁸, Maria Teresa Santos Cunha⁹, Arante José Monteiro Filho¹⁰, Norberto Dallabrida¹¹ e de Djanira Andrade¹², ou o personagem Carlos Humberto Corrêa aparece com força, ou é a imagem do Laboratório que se mostra um tanto desvanecida:

Norberto Dallabrida: Então eu não tive muita ligação com o Laboratório por que o Carlos Humberto trabalhava com História Política, você deve conhecer algumas obras dele, não é? Sobre tudo PSD, eu acho que ele era. As figuras que ele entrevistou, ele fez uma biografia do Nereu Ramos e acho que

⁸ Ex- aluno do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, ex-coordenador do Laboratório de História Oral da UFSC, atualmente professor aposentado do Departamento de História da UFSC, 68 anos de idade. Entrevista concedida em 04 nov. de 2014 na Biblioteca Universitária do Campus I da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

⁹ Ex- aluna do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, professora aposentada do Departamento de História da UFSC, atualmente integra o corpo docente do Departamento de História da UDESC, bem como o Programa de Pós-Graduação em História e Programa de Pós-Graduação em Educação desta mesma instituição, 61 anos de idade. Entrevista concedida em 10 de out. 2014 na Biblioteca Universitária do Campus I da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

¹⁰ Aluno egresso do curso de História da UFSC, atualmente administra um restaurante na praia do Pântano do Sul em Florianópolis, 56 anos de idade. Entrevista concedida em 7 de out. 2014, no restaurante por ele administrado.

¹¹ Ex- aluno do Curso de História, e também do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, atualmente integra o corpo docente do Departamento de Pedagogia da UDESC, bem como o Programa de Pós-Graduação em História e Programa de Pós-Graduação em Educação desta mesma instituição, 54 anos de idade. . Entrevista concedida em 12 de nov. 2014 na Biblioteca Universitária do Campus I da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

¹² Professora aposentada do Departamento de História da UFSC, 69 anos, foi a segunda pós-graduanda a defender dissertação no Programa de Pós- Graduação em História da UFSC, em 1978, ano posterior a data da primeira defesa, correspondente ao trabalho de Carlos Humberto Corrêa. Entrevista realizada em 10 de janeiro de 2015, na residência da entrevistada no bairro de Canasvieiras, Florianópolis.

ele tem um trabalho sobre o Vidal também. Esse bloco do planalto. Que depois vai ter uma visibilidade nos anos 30 e 40, até o final do Estado Novo. **O Laboratório era um pouco o Carlos Humberto, e assim, eu acho que a imagem que a gente tinha que a história oral era mais usada pra história política.** Por que eu lembro que nas aulas os exemplos que ele dava, da prática dele, era com história política. Eu lembro que ele falava sobre a modernização do mundo, o uso do telefone e com o uso do telefone se passou a se perder muita informação, daí a justificativa de usar a história oral. E também eu acho que a história oral era percebida como um complemento da documentação escrita. [Grifos meus]

Nesta fala de Dallabrida, é interessante notar a conexão direta entre o Laboratório e Corrêa. E ainda, a associação desta técnica com a história política, linha de pesquisa que seguiam a maioria dos trabalhos de Corrêa e campo pelo qual este historiador ficou caracterizado, para além da história oral. Tal diferenciação parece direcionar, mais uma vez, para uma proeminente importância atribuída à Corrêa em comparação ao Laboratório de que ele próprio era fundador. Também seguiu essa perspectiva a narrativa da ex-aluna e colega de trabalho de Carlos Humberto Corrêa, Maria Teresa Santos Cunha. Em dois momentos diferentes da entrevista ela explica:

Maria Teresa Cunha: (...) E eu acho que a grande sacada, se é que eu posso usar essa palavra assim mais... menos acadêmica, do Carlos Humberto foi perceber a emergência disso naquele período. Acho que aí é que tá o salto, a virada. Ele percebeu, por que era um período do início dos processos tecnológicos no Brasil, a Embratel, o telefone que se popularizou, o gravador. E eu acho que ele foi assim um pouco visionário de perceber a importância disso. E do jeito dele, por que ele nunca gritava, sempre, sempre naquela fleuma. Ele conseguiu espaço.

Maria Teresa Cunha: [A história oral] Era bem uma técnica, não tem discussão nenhuma, e era pra guardar lá no Laboratório. Depois teve uma técnica, que foi secretária do Programa muito tempo...

Karla Schütz: Era isso que eu queria saber, se existiam outros profissionais, outras profissionais que...

Maria Teresa Cunha: Não pra mexer com as entrevistas, a gente é que fazia, comprava a fita e depois depositava lá e ela registrava e guardava lá. Isso tem lá guardado, que era a Ana Lúcia que também tá aposentada. Ana Lúcia Pereira do Amaral, uma moça formada em Letras, técnica. Dos quadros técnicos da Universidade, e era secretária do PPGH, e eu imagino que tinha... que o professor Piazza dava alguma coisa, ou o Carlos Humberto, sei lá, se tinha alguma função gratificada pra ela só organizar. Mas só pra tu teres uma ideia, o Laboratório era muito pouco frequentado a tal ponto que os filhos dela dormiam lá no Laboratório, nos intervalos das aulas do Colégio de Aplicação. Então eles eram amigos dos meus filhos e como a gente passava o dia todo na Universidade, às vezes mesmo assim, eles descansavam, por que tinha umas almofadas lá na salinha. Eles descansavam lá. Então não era uma coisa assim de um Laboratório como hoje. Era só um lugar, apesar de receber o nome de Laboratório que já tem uma coisa legal aí, mas não era uma coisa frequentada.

Novamente, nas palavras de alguém que vivenciou aquele momento e conviveu com o seu fundador e o próprio espaço do Laboratório, fica evidente a construção de uma memória que coloca Carlos Humberto Corrêa como uma figura solitária dentro deste campo na UFSC. Aliás, poucas referências são dadas em relação à participação de Walter Piazza, que se mostra mais um incentivador de um pesquisador “visionário” que propriamente um adepto da história oral. Além disso, Cunha parece corroborar a visão de Carlos Humberto Corrêa como a “voz autorizada” dentro deste campo, sendo a sua função de professor o principal meio pelo qual ele estimulava – como também mostram as narrativas de seus alunos – a utilização das fontes orais. Nesse sentido, a disciplina voltada à história oral que ele ministrou durante anos no Programa de Pós-graduação em História aparenta ter sido uma iniciativa mais relevante para o crescimento da história oral dentro da instituição que a fundação do Laboratório de História Oral, um espaço que agregou a tarefa de guardar tais entrevistas, e não necessariamente, de fomentar o debate, o encontro de pesquisadores. Uma questão que remete também ao que significava a instituição de um Laboratório e quais as funções deste naquele momento. Atualmente os laboratórios e núcleos formados dentro de instituições acadêmicas se propoem a serem espaços que não abrigam somente fontes, acervos, mas também a serem lugares onde debates, encontros, e pesquisas costumam florescer. Os indícios aqui apresentados, portanto, apontam que essa não era a função primordial do Laboratório de História Oral.

Outro depoimento que une o Laboratório e o professor Carlos Humberto Corrêa foi cedido por Marcos Vinícios de Almeida Saul, ex-aluno do mestrado da UFSC e também ex-coordenador do Laboratório de História Oral, função por ele assumida anos após a aposentadoria do primeiro coordenador, Corrêa:

Karla Schütz: E o senhor lembra desse primeiro momento, nessa sua primeira relação [com o laboratório], se existia algum funcionário que sempre tava lá? Como era a movimentação dentro do laboratório?

Marcos Saul: Nenhuma. Para nós, o laboratório era o professor Carlos Humberto. Eu, pessoalmente, nunca tive maior contato com o Laboratório. Os funcionários eram os funcionários do departamento. Do departamento de História e do curso de História. O próprio mestrado era uma coisa nova. Hoje as estruturas de pós-graduação têm os seus funcionários, têm o seu espaço. Então naquela época o mestrado era novo, muito novo. Porque a especialização começou em 74... 74, 75. Que eu sei que teve uma segunda turma. Eu não sei se em seguida passou pra mestrado. Mas o mestrado, não era... quer dizer era novo, quando eu fiz o mestrado era novo.

Assim, notou-se que a difusão da história oral entre os alunos partia do que acontecia ao longo do curso de pós-graduação. A disciplina voltada ao tema era a principal fornecedora das fontes que integrariam o acervo do Laboratório. E como, nesse momento, o único professor que aparentava estar encarregado de lecionar tal disciplina era Corrêa, a figura do Laboratório estava, de fato, intrinsecamente ligada à própria figura dele como pesquisador.¹³ Sendo o espaço físico do Laboratório algo a que pouco importância era atribuída. Arante José Monteiro Filho, que teve contato com a história oral e a disciplina ministrada por Carlos Humberto já no final da década de 1980, quando interrogado sobre suas lembranças acerca deste ambiente respondeu:

Karla Schütz: E tem mais alguma coisa que o senhor lembra do Laboratório?

Arante José Monteiro Filho: Não... eu lembro que era uma coisa assim muito... pequena né? Laboratório pequeno, pouca gente usava, tava trabalhando naquela época, um período de transcrição que nunca acabava. Sempre tinha uma pessoa trabalhando lá dentro, um aluno...

Mais uma vez, um “espaço pequeno” e “pouco frequentado”. Apesar do detalhe que mostra a existência de pessoas que regularmente estavam em contato com o ambiente, nas falas de todos os depoentes o Laboratório é um espaço pouco conhecido ou até mesmo inexistente, como mostra o depoimento de Simão Willemann:

Karla Schütz: E o senhor lembra do Laboratório? Do espaço onde guardavam as entrevistas?

Simão Willemann: Não. Não lembro por que tudo passava pela mão do professor orientador. Ele que guardava as coisas.

Karla Schütz: O que no caso era o Walter Piazza.

Simão Willemann: Era o Walter Piazza.

Em todas as narrativas, ainda, parece sempre haver uma mediação entre as entrevistas que eram produzidas e o momento que elas deveriam integrar o acervo do Laboratório. Seja este mediador o próprio Carlos Humberto Corrêa ou, no caso de Simão, o próprio orientador e mentor de Corrêa, Walter Fernando Piazza. Essa

¹³ Não foi possível precisar a data na qual Carlos Humberto Corrêa começou a lecionar tal disciplina. Sabe-se que foi professor da Universidade Federal de Santa Catarina entre 1967 e 1991. E ainda, que durante o período de 1974 a 1980, George Browne também fez parte do quadro docente da UFSC junto ao Programa de Pós-Graduação em História, o que sugere que este tenha sido o responsável pela disciplina enquanto Corrêa não havia defendido sua dissertação em 1977, momento em que Corrêa passaria a ser o incumbido de tal função. Assim indicam entrevistas e esparsa documentação encontrada no Arquivo Geral da UFSC.

mediação também está presente no trabalho de outros professores que doavam ao Laboratório alguns frutos de suas pesquisas, como percebido no depoimento de Norberto Dallabrida, que como Arante José Monteiro Filho manteve contato com a história oral no final da década de 1980.

Norberto Dallabrida: Agora você me fez lembrar... agora, deixa eu ver. Então, deixa eu te dizer uma coisa. Durante a graduação eu fui bolsista de iniciação científica do professor Valmir Martins. E nessa, na pesquisa do professor Valmir Martins sob o título “A cidade e os bairros”, o professor se propunha a estudar um pouco a modernização dos bairros de Florianópolis. O professor Valmir Martins era um dos poucos professores que tinha formação marxista. E eu me aproximava, em boa medida, dessa tradição teórica e trabalhei com ele então nesse projeto investigando a modernização do bairro do Pantanal, a partir da implantação da UFSC, da Eletrosul e da TV Barriga Verde. E todas as transformações que ocorreram no bairro em função dessa urbanização intensiva, sobretudo a partir dos anos 70. E as transformações na cultura popular. Então de fato eu entrevistei alguns moradores do Pantanal, que me concederam depoimento sobre as transformações do bairro.

As entrevistas às quais ele se refere fazem ainda parte do acervo do Laboratório, e provavelmente foram doadas pelo então professor Valmir Martins, um ex-aluno de Carlos Humberto na pós-graduação, mestre formado pela UFSC em abril de 1979. Martins também foi responsável pela realização de entrevistas disponíveis à consulta atualmente no Laboratório quando ainda era aluno da pós-graduação.

Nos depoimentos de Andrade, Saul, Cunha, e até mesmo Willemann é recorrente a ideia de Carlos Humberto como um promotor da técnica de história oral entre os alunos. Incentivando ou facilitando a produção de entrevistas, como se vê nas narrativas a seguir, começando pela entrevista cedida pela ex-professora Djanira Andrade, onde ela aponta como importante o estímulo e ajuda oferecidos por Corrêa.

Karla Schütz: E a senhora fez algumas entrevistas...

Djanira Andrade: Eu fiz várias entrevistas, pro meu trabalho de mestrado...

Karla Schütz: Que é sobre a ponte Hercílio Luz.

Djanira Andrade: Sobre a ponte Hercílio Luz...

Karla Schütz: É, eu tenho aqui, a senhora entrevistou o senhor Haroldo Paranhos Pederneiras.

Djanira Andrade: Isso! Que era parente do professor Carlos Humberto. Então, eu fiz a entrevista, que para mim foi importante por que ele vivenciou a construção da ponte. Ele conhecia todo o trâmite do processo, dos contratos, como foi o contrato da ponte Hercílio Luz. Foi tudo o doutor Haroldo que... então era uma história muito viva.

Karla Schütz: E a senhora chegou à ideia de fazer as entrevistas pro trabalho a partir de quem? Do professor...

Djanira Andrade: Carlos Humberto.

Karla Schütz: Ele que sugeriu que a senhora usasse?

Djanira Andrade: Foi. Ali que tava despontando a história oral. Então todo mundo queria usar. Pra mim foi importantíssimo por que era uma história muito viva. Eu entrevistei também um trabalhador da construção da ponte. Cheguei a falar também com o... como era o nome dele, que já faleceu, era do Departamento de Estradas de Rodagem do DER. Que também me ajudou bastante.

A ex-aluna nesse trecho atribui, novamente, a condição de “incentivador” a Corrêa: tanto quando menciona a conexão entre entrevistado e entrevistador que promove quando articula o encontro dela com um parente dele – Haroldo Pederneiras –, o qual seria interessante para a pesquisa da mesma; quanto quando expõe que foi ele (Corrêa) quem sugeriu a ela a utilização destas fontes orais em seu trabalho de dissertação. Ainda, por fim, nesse excerto, de maneira muito sutil, pode-se perceber uma influência de Corrêa no movimento de aceitação desta técnica. Esta, por ser também uma novidade, provocou uma procura por parte dos alunos que perceberam a possibilidade desta fonte preencher lacunas deixadas pela falta de outros indícios. Todos queriam se servir desta “história viva” que despontava no horizonte de possibilidades destes historiadores.

A seguir, na fala de Maria Teresa Santos Cunha, este entusiasmo dos alunos em relação a esta nova técnica também se sobressai:

Maria Teresa: (...) eu queria fazer entrevistas por que fiquei entusiasmada com isso. Então ele (o Carlos Humberto) trazia... ele lançou primeiro um livro, que é esse aqui que eu tive no lançamento do livro que foi em setembro de 78, ele botava dedicatória... e aí eu fiz direitinho as entrevistas de história oral, pelo o que ele dizia. Tanto que ele botou [mostrando a dedicatória no livro] "Desejo que continue firme nas entrevistas de história oral." Por que aí eu saí feito uma louca entrevistando, eu queria entrevistar todo mundo e o Aicardi freou. Disse que não. Por que aquilo ali não tinha um (sentido)... era feito no calor da hora, então tinha essa ideia assim bastante positivista de que História não pode ser feita. Mas agora tu me diz qual o documento que não é feito no calor da hora? Só que eu com 26 anos eu não ia enfrentar. Por que eu tinha entrevistado os dois filhos do Boiteux, pra colocar no meu trabalho. Que eles estiveram aqui em Florianópolis numa homenagem que a Marinha daqui fez a ele. O Ian e o Nelson, aí o professor Carlos Humberto facilitou pra eu entrevistar e eu fiz uma entrevista rápida. Com 5 perguntas. Mas quando ele [Carlos Humberto] chegou, ele realmente foi bem inusitado, nem todas as pessoas gostaram. As pessoas que trabalhavam com História de períodos mais recuados eram as maiores críticas desse trabalho e aos mais jovens.

Sentimento de euforia que, no entanto, de acordo com ela, foi barrado pelo seu então orientador Aníbal Abadie-Aicardi. Segundo Cunha, um historiador com uma visão um pouco mais “tradicional” em relação ao que viriam a ser de fato as fontes históricas. Além disso, mais uma vez, figura numa narrativa de ex-aluna o papel de

encorajador atribuído a Corrêa. Assinalado, tanto na memória grafada por meio da dedicatória, quanto no caso em que este professor “facilita” o desdobramento de uma entrevista que a ela interessava. Além disso, o depoimento de Maria Teresa dá indício de que Carlos Humberto não teve apoio total de colegas. Nesse sentido, outros professores, ao impedir seus orientandos de utilizarem fontes orais, como no caso de Maria Teresa, acabavam por “boicotar” o próprio Corrêa, naquele momento um “jovem” de 36 anos de idade.

Tal evidência ainda aponta para uma dimensão interessante na carreira de Corrêa. Aquela que faz dele neste primeiro momento uma promissora nova liderança dentro do espaço acadêmico da UFSC, mas que a partir do anos 1990, o transforma naquilo que deve ser “ultrapassado”, colocado de escanteio. Como sugere, Janice Gonçalves (2006), a partir da década de 1990 o curso de História da UFSC, em todas as suas instâncias (principalmente pós-graduação) passa por um momento de renovação quanto a temática de seus trabalhos e suas influências. A aposentadoria de antigos docentes, e a conseqüente chegada de novos professores, em grande medida influenciados pela história cultural promove um desejo de ruptura com antigas lideranças dentro deste âmbito acadêmico, caso de Walter Piazza e Carlos Humberto Corrêa (GONÇALVES, 2006, p. 37-38). Tal constatação, de alguma forma pode explicar o destino do Laboratório, logo após a saída de seu primeiro coordenador. Corrêa depois de sua aposentadoria, parece abandonar esta primeira iniciativa, para abraçar outra, a qual se dedica até o fim de sua vida: a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, entendido para os pesquisadores da UFSC como um espaço essencialmente “conservador”.

Enfim, o “reencontro” destes ex- alunos com lembranças acerca de momentos particulares de sua vida profissional e/ou acadêmica promoveu a eclosão de memórias plurais, como era de se esperar. No entanto, estas reminiscências parecem se dirigir a um mesmo lugar, a uma visão muito semelhante acerca deste personagem e do lugar ao qual ele ficou ligado. São visões acerca de um professor, e um espaço – o Laboratório -, que possibilitaram reconstruir um pouco da trajetória de ambos estes objetos. Um percurso que apesar de carregar um *status* de pioneirismo em escala nacional sofre de um “apagamento” de memória, reverberado até mesmo na surpresa que este tema provocou em alguns dos entrevistados aqui contatados.

Notou-se, após a análise das entrevistas com ex-alunos, que a figura do Laboratório em si é um tanto incipiente. E ainda, que é sintomático o fato de seu fechamento estar vinculado ao afastamento do próprio Carlos Humberto Corrêa da Universidade Federal de Santa Catarina. Sendo o papel de grande incentivador deste historiador importante para que se estabelecesse, de fato, uma memória forte em relação ao seu próprio *status* de “voz autorizada” da história oral. Os rumos tomados pelo Laboratório e seu fundador, portanto, se confundem, e o afastamento deste último da Universidade, reverbera num desfalecimento do projeto, que se apaga momentaneamente, mas que renasce por meio de outras mãos, que atribuem um significado diferente à história oral, embora não fujam muito das iniciativas que já eram desenvolvidas no Laboratório durante a administração de Corrêa.

As entrevistas de Marcos Vinícios de Almeida Saul e Liane Maria Nagel, por sua vez, possibilitaram reconstruir um pouco da trajetória do Laboratório a partir do ano de 1999, ocasião em que são retomadas suas atividades. São memórias acerca de um período mais recente que evidenciam a existência deste espaço de maneira um tanto desvanecida. Pelas vozes do último coordenador, e da atual coordenadora, as decisões que foram tomadas encarregaram-se mais da recuperação e manutenção do acervo, do que propriamente de sua ampliação. Foram as doações e a disciplina optativa sobre história oral ainda ministrada - mas não mais restrita à pós-graduação - os principais meios pelos quais o número de entrevistas se expandiu. Notou-se que em um primeiro momento, ao longo da direção de Marcos Saul, houve certo crescimento, em decorrência da disciplina optativa que ele próprio ministrava. No entanto, ao longo dos anos, como mostram as tabelas de consulta, a multiplicação do acervo diminui ano a ano. As últimas entrevistas doadas que constam na lista disponível, datadas de 2013, advêm de pesquisas desenvolvidas por historiadores e historiadoras, que após o término de seus respectivos trabalhos decidiram entregar o material aos cuidados do Laboratório.

Vale ainda acrescentar que outros laboratórios dentro do espaço do Departamento de História da UFSC abrigam acervos com entrevistas orais. Muitos outros projetos que lançam mão da história oral são desenvolvidos, no entanto, estas fontes não são direcionadas ao Laboratório, um local onde supostamente estas deveriam ser depositadas, já que esta seria em essência a função de tal espaço.

Ainda, as posturas (de Marcos Saul e Liane Nagel) apesar de na prática, se assemelharem ao que já era desenvolvido por Carlos Humberto Corrêa – na formulação de um catálogo, na continuidade de uma disciplina que é responsável pela produção de depoimentos –, se distanciam das perspectivas deste quando os dois ponderam acerca do seu entendimento do que seria a história oral, e de como a sua prática se desenvolve. Sinais de uma descontinuidade.

Nesse jogo de memórias revisitadas, Carlos Humberto Corrêa se mostrou a força que alavancava também o Laboratório que organizou e durante anos administrou. Os depoimentos aqui abordados indicaram ainda que este espaço teve o sua desativação temporária e a força de sua memórias ligados ao encerramento da carreira profissional na Universidade Federal de Santa Catarina do seu próprio fundador. E, ainda, que o seu ressurgimento trilhou um caminho que buscou mais interditar o esquecimento completo deste Laboratório do que propriamente promovê-lo, mantendo muito do que era praticado na época de seu primeiro coordenador, no entanto, numa dimensão aparentemente mais tímida. Enfim, são momentos diferentes, para o Laboratório e para o próprio campo da história oral.

Entrevistas:

ANDRADE, Djanira Maria Martins. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Florianópolis, 10 de jan. 2015. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Florianópolis, 10 de out. 2014. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

DALLABRIDA, Norberto. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Florianópolis, 12 nov. 2014. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

MONTEIRO FILHO, Arante José. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Florianópolis, 7 de out. 2014. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

NAGEL, Liane Maria. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Florianópolis, 9 de fev. 2015. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

SAUL, Marcos Vinícios de Almeida. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Florianópolis, 04 de nov. 2014. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

WILLEMANN, Simão. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Laguna, 03 de abr. 2012. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

_____. **Entrevista concedida a Karla Simone Willemann Schütz.** Rio Fortuna, 23 de jan. 2015. Entrevista. Acervo pessoal de Karla Simone Willemann Schütz.

Referências:

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da historia oral.** Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

BROWNE, George P.; PIAZZA, Walter F. Documentação em História Oral. In: Simposio Nacional de Professores Universitários de História, VIII, 1975, Aracaju. **Anais.** São Paulo: ANPUH, 1976. p. 925-934.

CORREIA, Carlos Humberto P. **História Oral: Teoria e Técnica.** Florianópolis: UFSC, 1978.

_____. **Catálogo de Entrevistas.** Florianópolis: UFSC, 1977.

GONÇALVES, Janice. **Sombrios umbrais a transpor: Arquivos e historiografia em Santa Catarina no século XX.** São Paulo, USP, 2006. 444 páginas. Tese.

MEIHY, José Carlos S. B. (Re) Introduzindo a História Oral no Brasil. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re) Introduzindo a História Oral no Brasil.** São Paulo: USP, 1996. p.1-10.